

O artista da mestiçagem

LILIA MORITZ SCHWARCZ



Durante as gravações do filme *Dona Flor e seus dois maridos*, Jorge Amado, José Wilker e Sônia Braga visitam dona Edna Leal de Melo em sua escola de culinária, que inspirou a escola do romance.
Salvador, 1975

JORGE AMADO NUNCA PRETENDEU SER INTÉRPRETE do Brasil, mas sempre o foi. Suas personagens são pessoas retiradas das ruas de Salvador; a Bahia que descreveu foi aquela dos costumes misturados, dos credos cruzados e das gentes de muitas cores e mistérios. Sua ficção é sempre repleta de atores tão reais como imaginados e seu mundo de romance é povoado de um universo a um só tempo pessoal e partilhado socialmente. Por isso, em se tratando da obra de Jorge Amado, é sempre difícil dizer onde começa a ficção e quando termina a realidade. Seus amigos se destacam como personagens principais nas histórias; seu convívio familiar vira matéria de romance; sua visão da história parece metáfora; sua experiência social escorrega para o enredo e ganha vida na trama de cada obra.

Por outro lado, o romancista tem o dom de criar uma sociabilidade de equilíbrios entre opostos. O mundo de Jorge Amado é feito de trabalhadores, pescadores, prostitutas, bêbados, boêmios, mulatas fogosas, morenos espertos, professores ingênuos, mães de santo, quituteiras; mas também da elite, dos políticos e dos coronéis do cacau, com seu poder e hierarquia absolutamente estabelecidos e jamais questionados. Assim, sem desconhecer a diferença social e a desigualdade existentes no país, Amado dá a seus personagens uma convivência pouco imaginada e que dialogaria com a famosa representação criada nos anos 1930 por Gilberto Freyre, que apostou na singularidade brasileira a partir da ideia da “democracia racial”. Quem sabe nunca tenha existido efetivamente tal democracia, mas a sua utopia sempre fez parte do “programa” amadiano.

Se Jorge Amado nunca deixou de ser um autor empatado com as questões sociais de seu tempo — e jamais desconheceu as profundas diferenças sociais que marcam a população brasileira e em especial a baiana —, também criou em seus livros um espaço quase onírico para localizar na mestiçagem a nossa mais marcante particularidade. Em seus romances, a mestiçagem aparece sob muitas faces e com direito a várias versões. Em *Gabriela, cravo e canela* vemos surgir não só o romance entre o estrangeiro e a morena brejeira, mas a mestiçagem se

Este texto retirou dados e depoimentos do vídeo *Jorge Amado*, realizado pela Vídeo filmes, dirigido por João Salles, e cujo argumento é de minha autoria.

apresenta a partir de uma mistura de sabores, cores e aromas. Da comida à cama, um dialeto mestiço se apresenta, como se aqui residisse nossa “especificidade nacional”. Em *Compadre de Ogum*, o próprio padre, em determinado momento, incorpora um orixá, mostrando de que maneira o sincretismo religioso brasileiro significava uma maneira especial de entender a **Bahia**; um modelo dileto para pensar o Brasil.

Em *Tieta do Agreste* vemos a elevação de um local perdido no tempo, onde não existem, ao menos na superfície, distinções de raça ou cor. Também *Tereza Batista* é uma heroína da cor do cobre; essa falta ou excesso de cor que faz que inventemos sempre um arco-íris de tons e subtons. No livro *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* está contemplada, e de certa maneira condensada, toda a arquitetura de Amado, com seus mulatos boêmios, prostitutas doces, cozinheiras solidárias, pescadores e marinheiros mancomunados, o compadrio da pobreza, a avareza dos grupos mais abonados e o largo mar. O mar que distingue e socializa.

A BAHIA E O CÍRCULO DA BAIANIDADE. Parece haver uma elite principalmente intelectual, mas também econômica e política, autorreferente e produtora de uma certa “baianidade”, na qual Jorge Amado, Pierre Verger, os artistas plásticos Mestre Didi, Carybé, Floriano Teixeira, Calasans Neto, Mário Cravo, entre outros, tomaram parte. Sempre houve grande solidariedade e autorreferência nesse círculo de criadores e formadores de opinião e isso fica patente quando se analisa com cuidado o universo amadiano.

Nas primeiras edições, as ilustrações de *Tenda dos Milagres* eram de Carybé, as de *Dona Flor*, de Floriano Teixeira, e Calasans Neto ilustrou *Tereza Batista*. O pintor Carybé é personagem de *Dona Flor*, junto com o político Jorge Calmon e o banqueiro Jorge Celestino. Já o gravador e cenógrafo Calasans Neto é citado em *Dona Flor* e *Tenda dos Milagres*, o músico Dorival Caymmi, que fez a trilha sonora de *Gabriela* para a televisão, é homenageado em *Velhos marinheiros*, e o fotógrafo Pierre Verger, por sua vez, está em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. Sem contar Mestre Didi, escultor e grande conhecedor da cultura afro-brasileira, que habita pelo menos *Dona Flor* e *Os pastores da noite*.

É possível compreender melhor esse cenário a partir do estudo de Jocélio Teles dos Santos sobre

a atuação do Estado na preservação do patrimônio cultural brasileiro. Santos sugere que, dos anos 1970 até metade dos anos 1980, teria havido uma espécie de *revival* da década de 1930: o regime militar consolidou sua hegemonia cultural através do controle do processo cultural, incentivando a criação de centros de folclore e casas de cultura, do tombamento de monumentos e assim por diante. Tentou-se conciliar a preservação de valores tradicionais com o desenvolvimento econômico das regiões através do turismo interno e externo.

Na Bahia esse movimento levou à apropriação de elementos cotidianos da cultura “afro-baiana” para construir uma imagem de baianidade singular e exótica: docilidade, ritmo, sensualidade, feitiço, afetividade, capoeira e candomblé estilizados passaram a ser acionados na publicidade do “viver baiano”. Daí o interesse do governo baiano em patrocinar e promover manifestações populares, convocando inclusive seminários com os produtores — artistas, artesãos, cozinheiros, mestres de saveiro — e permitindo a participação de representantes dos meios intelectuais e artísticos em cargos de direção. Tal política cultural, voltada para o turismo e para a integração da arte e da cultura popular, emoldura a restauração do Pelourinho, promovida por Antonio Carlos Magalhães no final da década de 1980.

Mas é *Tenda dos Milagres* que representa, no campo da ficção, o exemplo mais acabado desse tipo de postura amadiana. O casal central é composto por um baiano e uma escandinava (representação máxima da brancura que se mistura com a “cor do Brasil”). Esse é inclusive o ponto central do romance, que chega até a ser didático na maneira como opõe o herói da obra, Pedro Archanjo — com sua visão positiva da miscigenação — ao professor Nilo Argolo, que acreditaria nas teorias que afirmavam que o cruzamento de raças levaria à degeneração. Como se vê, Amado não só “cria” sua **mestiçagem** e a insere no corpo de seus personagens como mistura ficção e realidade. Nilo Argolo seria, na verdade, uma referência explícita a Nina Rodrigues, médico maranhense, famoso professor na Escola de Medicina da Bahia e que no início do século xx ainda defendia esse tipo de visão negativa do cruzamento. Para Nina, o país, assim misturado, não tinha futuro; já para Jorge Amado (e Pedro Archanjo) ocorria exatamente o oposto: era a mistura que representava nosso “humanismo” e a lição que teríamos a dar para o resto do mundo.



O médico
e antropólogo
Nina Rodrigues
(1862-1906)

Portanto, sem negar os problemas sociais brasileiros, Jorge Amado sempre foi um grande otimista da mistura. No mesmo romance, em determinado momento, o herói Pedro Archanjo empresta sua voz para fazer uma verdadeira declaração dos princípios defendidos por Jorge Amado: “Se o Brasil concorreu com alguma coisa válida para o enriquecimento da cultura universal foi com a miscigenação — ela marca nossa presença no acervo do humanismo, é a nossa contribuição para a humanidade”. Contra as teorias deterministas em voga até os anos 1930, Amado compactuava com o antídoto da época modernista que mudaria a imagem do país; do pessimismo à redenção. E Jorge Amado não escaparia à orquestração da época, que passava por cima das profundas diferenças e estratificações econômico-sociais para destacar uma sociabilidade ímpar e sem fronteiras de cor.

Não por coincidência, o jornal *Libération* o elegeu “embaixador simbólico do Brasil”. Afinal, Jorge Amado é no exterior um dos autores brasileiros mais conhecidos e traduzidos, e seu Brasil mestiço tem a cara deste “país para exportação”, porque marcado pela originalidade da convivência cultural e racial da sua população. Em 1972, por exemplo, durante um discurso na universidade de Bari, afirmou que “a nação brasileira vem se construindo e afirmando como o resultado da mistura, persistente e sempre maior de sangue e de raça, da mistura de culturas. [...] Dessa nossa originalidade racial e cultural [...] nasce a criação brasileira: a música, a dança, a literatura, a arte, o cinema, o carnaval, o ritmo”. O Brasil de nosso autor é, não por acaso, feito de várias misturas; misturam-se não

MESTIÇAGEM. Antes de o “Brasil ser Brasil”, quando era apenas a América portuguesa, já costumava ser descrito por sua mestiçagem. Nos relatos seiscentistas de Gandavo, Thevet e De Lérís, a colônia era caracterizada a partir do processo de mistura; primeiro entre brancos e indígenas e, depois, entre brancos e africanos. Esse “amalgamento” foi visto, porém, sob óticas distintas. Até o século xvii pairou um olhar sobretudo curioso sobre essas populações de costumes misturados e que praticavam a poligamia, o canibalismo e, ainda mais, andavam nuas. Famoso é o texto de Montaigne, “Dos canibais” (1580), em que o autor elogia a maneira como os tupinambás fazem a guerra adotando uma verdadeira postura relativista, mas em que termina lamentando o fato de eles não usarem, afinal, calças.

O debate sobre essa outra “humanidade” ganharia uma versão romântica no século xviii, quando o filósofo da Ilustração Jean-Jacques Rousseau viu nos indígenas brasileiros descritos por De Lérís um modelo para pensar, por contraposição à civilização. Se a civilização ocidental havia se conspurcado, os nativos brasileiros seriam, agora, “os bons selvagens” a inspirar novos modelos e utopias. No entanto, ao lado dessa literatura mais positiva — e que fez muitos seguidores no Brasil —, ganhava força uma visão negativa, que entendia a mistura de raças como signo de

degeneração. Buffon e o abade Corneille de Paw foram os primeiros a acenar para a falta de futuro de uma nação mestiçada. A interpretação entraria em voga no Brasil de finais do século xix — com a interpretação de autores como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e João Batista Lacerda — e competiria com a visão romântica, que elevava o indígena nobre como símbolo nacional; ao contrário, segundo essa visão, seria preciso intervir na realidade e evitar a mistura.

Tal situação seria profundamente alterada na década de 1930, quando novos projetos modernistas alterariam a percepção. Em *Macunaíma* (1928) Mario de Andrade mostrava um país de costumes, raças e culturas cruzados, assim como Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala* (1933), em vez de entender o cruzamento como defeito, o transformava em saída para um mundo em guerra e marcado pelas perversidades do racismo. De lá para cá, as duas versões proliferaram, mas não há como negar que a visão oficial do país guardou e selecionou uma representação positiva da mestiçagem não só biológica, como cultural. É certo que ela não anula as diferenças econômicas e sociais existentes no Brasil, como bem mostrou Florestan Fernandes e todo o grupo da escola de sociologia paulista já nos anos 1960, mas anuncia uma especificidade deste país que sempre se comportou como um laboratório de raças.

só amores e seduições, mas alimentos, música, pintura e credos. Em *Navegação de cabotagem*, uma espécie de “quase-memória” do autor, escreveu Amado: “onde quer que esteja levo o Brasil comigo mas, ai de mim, não levo farinha de mandioca e sinto falta todos os dias, ao almoço e ao jantar”.

Grande pregador da ideia da mestiçagem, Jorge Amado fez de sua experiência particular um modo especial de “ser brasileiro”. Oriundo de famílias enriquecidas pelas fazendas de cacau, o escritor, sem jamais ter deixado seu universo cultural, foi ao encontro de outro. Nesse novo cenário está o cais de Salvador, o candomblé, a capoeira, as festas religiosas, os heróis de cada dia, as prostitutas e os malandros. É assim que em seus livros, sem abandonar o mundo dos coronéis — como em *O menino grapiúna*, ou mesmo em *Tereza Batista cansada de guerra*, quando “a vida de um homem não valia mais do que 1 000 réis” —, Jorge Amado adiciona um novo tempero, dado pelo cotidiano mestiço da Bahia.

Fortemente influenciado pela geração conhecida como “Academia dos

Rebeldes” — esses jovens meninos que com seus dezesseis anos experimentavam a realidade para entender a literatura —, Jorge Amado acabou sendo porta-voz de uma grande reviravolta. Com efeito, até os anos 1930 as elites intelectuais nacionais eram profundamente influenciadas por teorias raciais que viam com descrédito o sangue negro que corria em nossas veias. Pensadores como Sílvio Romero, Tobias Barreto, Euclides da Cunha,

João Batista Lacerda entendiam o cruzamento racial como fator de desequilíbrio e de degeneração da nação; sem falar de Nina Rodrigues, médico radicado na Bahia, que, como vimos, acabou virando personagem de *Tenda dos milagres*.

No depoimento que dá para o filme *Jorge*, de João Moreira Salles, Amado brinca com o fato de que apenas depois dos anos 1930 teríamos deixado de pensar que éramos gregos, latinos ou espanhóis. Passávamos — sobretudo a partir da divulgação dos escritos de autores como Arthur Ramos, Gilberto Freyre ou Donald Pierson — a veicular não só as desvantagens, mas, sobretudo, as virtudes e a originalidade dessa brasilidade mestiça. Tal qual um verdadeiro passe de mágica, a mestiçagem extremada existente no país representava, a partir de então, um modelo de convivência harmoniosa; um exemplo a ser seguido. De mácula a ícone, o Brasil era apresentado como um modelo de liberalismo na convivência entre as raças. Além disso, com o término dos anos 1940 e o fim da Segunda Guerra Mundial, essa nação tropical transfigurava-se em exemplo de fraternidade e irmandade em um mundo profundamente dividido.

Assim, se Freyre foi um dos “pais da ideia” — ou ao menos aquele que a batizou —, Jorge Amado foi seu grande artista e divulgador, sobretudo a partir de meados da década de 1950, quando rompe com o stalinismo e entra em sua “fase tropical”, inaugurada em 1958 com *Gabriela, cravo e canela*. Em seus livros, tudo parece ter resultado da mistura: as culturas, as religiões, o sangue dos diferentes grupos, a história, as festas, as relações afetivas, a cultura popular, a culinária, as religiões. Nas obras de Jorge Amado coabitam não só o pessoal e o oficial; o presente e o passado; o conflito e o milagroso; as clivagens sociais que dividem e as festas que irmanam; as diversidades e os mitos comuns e partilhados pelo coletivo dos brasileiros.

Quase como um panfleto contra o preconceito, Amado vai expondo — à sua moda — as armas contra o racismo: a mistura de grupos e culturas, a mistura de



Com Gilberto Freyre e Anísio Teixeira, em 1958



Jorge Amado
com os pais, João
e Eulália, e os
irmãos, Joelson e
James

mento de uma nova religião. Ao contrário dos que defendem a pureza religiosa, até nesse terreno Jorge Amado é paradoxal, ao se transformar no arauto da mistura de religiões e de sua constante “tradução” em termos locais. Em *Tenda dos Milagres* mais uma vez Jorge Amado apresenta não só a violência dos brancos em face desses rituais de origem africana como oferece o bilhete de entrada para um outro mundo, onde a mistura também inclui a religião católica.

Jorge Amado é, assim, o grande “campeão da mestiçagem”, como uma vez definiu o fotógrafo e amigo **Pierre Verger**. Em suas obras ela é tão evidente que muitas vezes não precisa ser afirmada. Todos sabem que Tereza Batista e Tieta são mulatas “arretadas”, e que Dona Flor é cabo-verde (essa mistura particular de branco com negro e índio). O autor não introduz, porém, tais termos como se fossem definições rígidas. Ao contrário, no universo de Jorge não existem classificações precisas, que descrevam cores como se fossem gradientes regulares. Na verdade, o papel das características físicas aparentes na identificação das pessoas — cor da pele, lábios, cabelo, nariz — não escapa a Jorge Amado. O escritor frequentemente descreve os cabelos das personagens: a “carapinha branca” de Jubiabá e os “cabelos vermelhos” de Lindinalva, no mesmo romance; os “cabelos finos” de Lívia, em *Mar morto*; os “cabelos escorridos, negros e finos” de Otália, de *Os pastores da noite*, e muitas outras cabeleiras crespas, lisas, brancas, altas. É possível encontrar uma verdadeira “aquarela do Brasil” nos livros do romancista: “alva”, “brancarrona”, “bronzado”, “cabocla”, “cafuzo”, “cor de bronze”, “cor de formiga”, “encardida”, “loiraça”, “mulato claro”, “mulato escuro”, “mulato quase branco”, “mulato pardo”, “negra azulada”, “pele trigueira”, “sarará”, “pálido”, “tição” e “vermelho”.

Amado parece preferir entender as cores como relações inseridas em contextos que se estabelecem cotidianamente, e que fazem delas mera circunstância passível de mudança. A situação social, o capital de relações sociais, o evento particular...

credos. Mais eficientes do que um bom manual, os romances de Jorge, ao mesmo tempo que prendem o leitor na trama, o transportam para o polêmico terreno do sincretismo religioso, que o autor tanto advoga. É então que o obá de Xangô Jorge Amado mistura materialismo com fetichismo, catolicismo com cultos afro, e revela como o encontro de credos pode levar ao surgi-

tudo permite mudar a percepção das cores que, no Brasil, seria basicamente alterativa. Em *Tenda dos Milagres*, o literato apresenta um diálogo interessante entre Lu, a noiva branquinha e aristocrática de Tadeu Canhoto — afilhado de Archanjo formado em engenharia —, e uma amiga. A noivinha menciona a dificuldade para convencer os pais a aceitar o noivo negro. Mas a mãe de Lu “promove” Tadeu de negro a “moreno queimado”, à medida que Tadeu se aproxima do fim dos estudos de engenharia!

— Pode ser que nesses meses eu convença os velhos.

— Acredita possível?

— E se eu lhe disser que mamãe já está meio abalada? Ainda ontem me disse que Tadeu é um bom rapaz, não fosse...

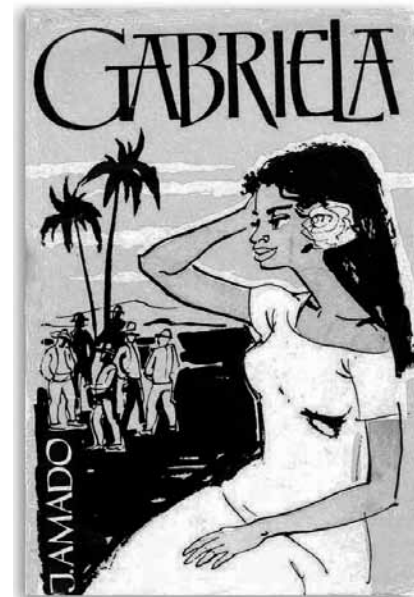
— ...negro?

— Imagine que ela, falando de Tadeu, já não diz negro. Disse: “se não fosse *moreno tão queimado*”...

Além do mais, em vez de só delatar a violência, o autor parece mais inclinado a refletir sobre ela; encontrar lugar para entender uma genuína convivência. Coronéis se apaixonam perdidamente por prostitutas; estrangeiros, por retirantes; capangas, por raparigas donzelas. Mas nada elide a violência que preside e estrutura essa sociedade de contrastes, a todo dia acomodados e amolecidos.

O que Jorge etnógrafo encontrou na Bahia foi um mundo complicado de ser afirmado, porém mais fácil de ser reconhecido por meio de sua sensibilidade e imaginação. Uma certa brasilidade que, se não pode ser entendida de forma absoluta, ajuda a pensar que há uma determinada especificidade na nossa convivência racial e mesmo no tipo de preconceito aqui praticado. Um modelo assimilacionista, talvez, mas não por isso menos marcado pela discriminação. Convivência não quer dizer ausência de conflito; mistura não é sinônimo de falta de hierarquia. Por contraposição, esse universo complexo está todo lá: a pobreza e o luxo; os coronéis e seus jagunços; a boemia com o labor, a religião que mistura santos católicos com orixás africanos. O fato é que Jorge Amado sempre procurou inventar e reinventar esse mesmo Brasil. Sua obra mostra não só a força do personalismo presente entre nós, como a circularidade profunda entre cultura erudita e popular, e a particularidade da mistura e da questão racial no Brasil. Nesses “tempos nervosos” em que vivemos, a leitura de Amado é quase um elixir a declarar a necessária utopia da igualdade — que, mesmo difícil de ser alcançada, é ao menos objeto do desejo.

Capa do romance
*Gabriela, cravo e
canela*, na Estônia



PIERRE FATUMBI VERGER. Dizia o poeta Fernando Pessoa que, “para viajar, basta existir”. E foi isso que fez Pierre Verger — viajou o tempo todo e de muitas maneiras: como fotógrafo ou etnógrafo, como iniciado ou historiador, como um alquimista moderno ou um grande curioso.

Francês por acaso, Verger gostava de comentar que detestava a burguesia europeia, com a qual era obrigado a conviver, e as imposições da escola, sempre disciplinadora. Mas é com a morte do pai, em 1932, que tudo começa a mudar. Verger decide que deixaria essa vida com quarenta anos, e que com os dez anos que lhe restavam viajaria pelo mundo, acompanhado de sua amiga: uma câmera Rolleiflex usada.

Começava então a peregrinação desse viajante moderno, que acreditava que cada ano deveria ser vivido sem compromissos, dinheiro ou ambição social. Escolhe primeiro o Taiti, e com sua passagem de navio de quarta classe conhece a Polinésia. Já como fotógrafo profissional (e uma Rolleiflex com doze fotos em vez de seis), descobre um mundo em preto e branco: os Estados Unidos, com suas disparidades; o Japão, um país muito policiado; a China e suas paisagens lendárias; Filipinas e Cingapura. Em 1935, capta com suas lentes e sua bicicleta uma outra Europa cheia de tradições populares. Nesse ano chega à África negra. No Sudão francês (hoje Mali) sua câmera registra as máscaras Bambara e, na Nigéria, as comemorações islâmicas. Em 1936, parte de barco para as Antilhas e percorre a China: pela transiberiana atravessa a Europa, a União Soviética, e chega à Coreia. De trem, de barco ou de bicicleta, o mundo era ao mesmo tempo grande e pequeno para um viajante do século xx. Mas não é só. Entre 1938 e 1946 a lista de países só iria aumentar: México em 1939, onde conhece Trótski, Bolívia, Peru — o mundo inteiro parecia caber em sua lente, que guardava rostos, expressões, vestimentas, festas; enfim, a vida.

No entanto, o ano de 1946 é que reservava a visita mais desejada: o Brasil. Eis um país pelo qual esperara por cinco anos, um local onde, como gostava de dizer, “não precisava fazer política”. É uma outra América do Sul que descobre quando, influenciado por Roger Bastide, conhece a Bahia. Lá na “África brasileira” morou no Hotel Chile, na casa da Vila América, vermelha como a cor de Xangô, deixando o tempo passar no ritmo diferente do calendário das festas, do batuque, do candomblé, da capoeira, da cozinha e da mestiçagem. O “aprendiz de etnólogo” descobria, então, um mundo mágico que unia a África que conhecera e o Brasil que aos poucos absorvia. Seu mergulho em águas negras é tão profundo que, em 1948, é introduzido no mundo do candomblé. Com seu cordão branco e vermelho, é recebido no terreiro do Axé Opô Afonjá, onde Mãe Senhora o proclama Ojuobá: “os olhos de Xangô; aquele que tudo enxerga e tudo sabe”. Verger participa dos rituais como iniciado, e passa a estudar a perenidade dos cultos iorubá.

Com um pé em cada continente, não tem outro remédio senão partir novamente para a África. Sua ida selava uma nova sorte, quase prevista nos búzios. Começávamos a perder o fotógrafo para ver nascer o pesquisador das religiões, o estudioso da escravidão e dos contatos entre África e Brasil. Foi em Daomé (atual República do Benim), em 1949, que Verger descobriu 112 cartas enviadas por um negreiro chamado Tibúrcio dos Santos, “o Alfaiate”, sobre o comércio clandestino de escravos entre Bahia e África durante o século XIX. Era só o começo de um trabalho que lhe custaria dezessete anos de investigação em museus e arquivos. O resultado é o livro *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos*, publicado originalmente na França em 1968 (e no Brasil apenas em 1987) e que constitui um marco, até os dias de hoje, para os estudos sobre escravidão. Mas a obra também

Assim como é certo que a mistura — cultural, religiosa ou biológica — ainda não se realizou de forma equilibrada entre nós, também é evidente que Jorge Amado — agora xamã — nos confunde com o mistério da sua literatura. Quem

significava a comprovação de um diálogo entre a África e o Brasil, que Verger aprendera a reconhecer no seu dia a dia. A pesquisa revelava a existência de um jogo de trocas no qual — apesar da perda de contato entre as duas comunidades — seus integrantes se tornaram, em termos culturais, “africanos do Brasil e brasileiros da África”. No entanto, o sucesso da tese, que defendida em 1966 na Sorbonne lhe deu o título de doutor, assim como a homenagem feita, anos mais tarde, pela Universidade Federal da Bahia, não deslumbrariam Verger. Para ele o mundo da academia continuava a ser representado pela metáfora de um papagaio sem cor.

É por isso mesmo que na África Verger não perseguia apenas a rota dos navios negreiros. É no mistério da religião que Verger se fez adivinho, e nasceu Fatumbi — renascido pelo Ifá —, nome que o acompanhará pelo resto da vida. Essa nova iniciação também lhe dá o título de babalaô e o acesso ao conhecimento oral dos iorubás e à arte divinatória de Ifá. Dessa experiência resultam livros como *Dieux d'Afrique* (1954), *Notes sur le culte des orisa et vodoum* (1957) e *Orixás*, publicado no Brasil em 1981.

A partir de então Verger desempenharia o papel intelectual, pessoal e emocional, de tradutor e mensageiro entre dois continentes. Para o Brasil trazia a água santa, plantas e objetos; para a África levava cartas, sementes e mensagens orais. O carteiro carregava, sobretudo, as inúmeras conexões e influências recíprocas — sutis ou declaradas — que se desenvolveram entre as duas regiões e que transmitiam a impressão de unidade e de trocas culturais.

Seu último desejo foi publicar sua obra “de vida inteira”: um manual sobre a utilização medicinal e mágica das plantas na sociedade iorubá. É assim que nasce seu livro *Ewé* (“folhas”, em português), um compêndio de ensinamentos dos mestres e babalaôs; uma herança dos longos anos

na África. As dificuldades na sistematização dos dados não foram poucas, a começar pela especificidade da língua iorubá, que além de muito antiga é de tradição oral e tonal (é necessário cantar suas palavras). Por outro lado, sua memorização é coletiva e sua transmissão é considerada o veículo do *axé*: o poder e a força das palavras perdem seu efeito em um texto escrito. Por fim, era preciso identificar a designação científica das plantas: são 3 529 termos iorubá, correspondentes a 1 086 nomes científicos.

Fatumbi viveu para ver essa última prova de sua imensa curiosidade ser publicada. Com suas vestes majestosas de babalaô, seu forte sotaque francês, que nunca perdeu, Verger jamais quis trocar sua casa, no bairro pobre de Vasco da Gama, pelo colorido do Pelourinho. Vivia e viveu entre amigos, com seu gato Jean-Jacques sempre ao colo. Ainda bem que não cumpriu a promessa de morrer aos quarenta. Foi ficando como quem não tem plano e legou um exemplo de diálogo entre imagens, histórias e culturas. No Brasil encontrou um mundo misturado que tanto procurara. Uma matéria do jornal *A Tarde*, de 29 de agosto de 1993, trazia um depoimento de Pierre Verger, em que ele afirmava que teria vindo à Bahia após ter lido Jorge Amado e que lá encontrara o que havia nos romances: “esta coexistência pacífica entre as religiões africanas e europeias, a mestiçagem que tanto enriqueceu sua obra”.

Fotógrafo que pouco se deixava fotografar, foi captado pelas lentes simpáticas de Zélia Gattai, que depois de muito esforço — e parte dos filmes estragados — conseguiu uma bela imagem do amigo (ver p. 51), ao lado de Jorge Amado e de Carybé (1981). Em conversa com Mãe Senhora, Zélia teria comentado o tipo de azar que tanto a inquietara. Afinal, só as fotos de Verger teimavam em não aparecer. Ao que Mãe Senhora obsteu: “Minha filha, tu não sabe que Verger é feiticeiro? Não contrarie ele...”.

embarcar nessa viagem terá dificuldade em dizer quando começa o mito e se apaga a realidade, ou quando a vida real é que vira metáfora. Na verdade, pouco importa.

LEITURAS SUGERIDAS

CASA-GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freyre. Considerado o estudo pioneiro e inaugural do culturalismo no Brasil, a obra, que não foi a única a se opor aos modelos do determinismo racial à época, significou uma espécie de novo paradigma para pensar o país e a mestiçagem, não mais como veneno e fracasso, mas agora como exemplo e uma espécie de redenção.

MACUNAÍMA: O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER, de Mario de Andrade. O famoso personagem que combina todas as raças; que tem muita preguiça e que por ter “tantos caracteres resulta ter nenhum” ganhou o imaginário nacional e se converteu em ícone da mestiçagem brasileira e do modernismo. Em vez do romantismo distante e calcado no modelo francês, do indígena utópico e do academicismo, Macunaíma surgiu como “herói de nossa gente”, sem ter história, território ou tempo preciso.

ESPETÁCULO DAS RAÇAS, de Lilia M. Schwarcz. A partir do estudo das faculdades de medicina, dos institutos históricos e geográficos, das escolas de direito e dos museus de etnografia brasileiros, da década de 1870 em diante, a autora discorre sobre o enraizamento e a importância do pensamento racial no país até meados dos anos 1930.

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA, de Antonio Candido. Apesar de escrita nos anos 1950, a obra é ainda considerada fundamental para refletir sobre nossas diferentes escolas nacionais e na singularidade da literatura brasileira. Com relação à revolução cultural dos anos 1930, Candido é visto como uma espécie de arauto dos novos tempos, ao mostrar a entrada do folclore, do negro e de uma realidade mais próxima bem no seio da nossa literatura.

ATIVIDADES SUGERIDAS

✓ Propor aos alunos que entrevistem as pessoas que moram em suas casas e procurem verificar:

- a) sua origem;
- b) seu credo religioso;
- c) sua definição quanto à cor.

Sugerir que façam um quadro com os resultados e reflitam se a família é “miscigenada”. A seguir, seria interessante comparar os resultados de toda a classe e chegar a um quadro final e a uma reflexão conjunta.

✓ Solicitar aos alunos que, durante um mês, coletem, em jornais, revistas, álbuns fotográficos e sites na internet, fotos de famílias, brasileiros com culturas, credos e origens étnicas diversas. A pesquisa se converterá num belo painel sobre as “cores e faces do Brasil”.

✓ Os sentidos são fundamentais em inúmeras passagens de *Gabriela*. A vizinha de Nacib, dona Arminda, é descrita pela face avermelhada e pelo “ativo cheiro de alho”. A primeira impressão que Nacib tem de Gabriela, após o banho que a fez, literalmente, surgir do pó, é o rosto sorridente e a coxa cor de canela. Além disso, “dela vinha um perfume de cravo, dos cabelos talvez, quem sabe do cangote”. O capítulo que trata da crise do casamento de Nacib e Gabriela se chama “Dos sabores e dissabores do matrimônio”. Em um momento muito triste, Gabriela, sentindo falta de Nacib, exclama que tristeza “é não ter gosto na boca”. Pedir então aos alunos que procurem, em *Gabriela*, passagens em que aspectos sensoriais são mencionados: cheiros, cores, texturas. Em seguida, solicitar que escrevam uma redação dando especial atenção aos cinco sentidos.

✓ Paloma Amado, filha do escritor, em seu livro *A comida baiana de Jorge Amado ou O livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de dona Flor*, sugere que a importância da comida nos romances foi crescendo com o tempo. Em *Cacau* (1932), as personagens comem carne-seca, feijão, farinha e fruta colhida no pé e bebem também muita cachaça. Em *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937), o prato mais saboreado é a moqueca de peixe. Mas o casamento de Guma e Lúvia é celebrado com uma feijoada. *O capitão-de-longo-curso* (1961) traz a primeira receita completa e prática para o leitor. Em *Os pastores da noite* (1964), dividindo uma jaca doce e melada, dois amigos apaziguam os ânimos. *Dona Flor* (1966) ensina a preparar diversos pratos: carurus de Cosme e Damião, comida especial para velórios, merendas para a tarde, alimentos preferidos e proibidos para os santos. A festa de casamento de *Tereza Batista* (1972) é um almoço baiano completo, com sarapatel, leitões, cabritos, frigideiras, perus, cinco tipos de cocada. Os alunos poderiam realizar uma atividade prática: selecionar receitas nos romances, aprender a fazê-las e depois degustar os pratos em conjunto.

✓ Fazer uma pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras. Procurar entrevistar representantes da comunidade negra e perguntar-lhes o que acham do sincretismo, da liberdade de culto e dos preconceitos de cor e religiosos existentes no Brasil.

